

Em outro campo, tal como o do aço, é um ramo da indústria ultramoderna que vai ser desativado ou localmente desmantelado, em razão de problemas de mercado ou de escolhas pretensamente tecnológicas, que não são mais do que a expressão de opções fundamentais concernentes ao conjunto do desenvolvimento econômico e social.

(9) Como mostraram inúmeros antropólogos, com referência às sociedades arcaicas, a troca aparente é sempre relativa às relações de força reais. A troca é sempre alterada pelo poder.

(10) Marx, *Pléiade*, t. I, p. 1 122; t. II, p. 1 002.

(11) Para além do ouro, papel-moeda, moeda de crédito, ações, títulos de propriedade, etc., o capital se manifesta hoje em dia por operações semióticas e de manipulações de poder de toda espécie, engajando a informática e os meios de comunicação de massa.

(12) Este é o papel, paralelamente à administração, à polícia, à justiça, ao fisco, à bolsa, ao exército, etc., da escola, dos serviços sociais, dos sindicatos, do esporte, dos meios de comunicação de massa, etc.

(13) N. do Trad.: No original, *sujet du roi*, cuja tradução mais adequada seria súdito do rei. No entanto, por ser correto traduzi-lo por sujeito do rei, e na intenção de preservar o jogo de palavras do autor com o duplo sentido de sujeito, optamos por este último.

(14) Marx, *O Capital*, Livro I, vol. 2, Cap. XIV, *Civilização Brasileira*, p. 584; no original, *Pléiade*, t. I, p. 1 002.

(15) Até mesmo neste nível encontramos uma reterritorialização relativa: as multinacionais que não são absolutamente redutíveis a subconjuntos econômicos dos EUA e são objetivamente cosmopolitas, nem por isso têm deixado de ter na sua direção uma maioria de cidadãos americanos!

(16) O mecanismo dialético de Marx o conduz às vezes a imaginar uma espécie de geração quase espontânea e involuntária deste tipo de transformação: "Assim como o sistema da economia burguesa desenvolve-se pouco a pouco, o resultado último desse sistema é que também desenvolve-se pouco a pouco sua negação. Por enquanto, temos em vista o processo da produção imediata. Se consideramos a sociedade burguesa em seu conjunto, vemos que o resultado último do processo da produção social é a própria sociedade, em outras palavras, o próprio homem em suas relações sociais" (*Pléiade*, t. II, p. 311).

(17) Uma proposição deste tipo só tem chance de ser entendida na condição de se conceber o desejo, não como uma energia pulsional indiferenciada, mas como sendo ele próprio resultante de uma montagem altamente elaborada de maquinismos desterritorializados.

## O capitalismo mundial integrado e a revolução molecular\*

O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle.

Este duplo movimento de extensão geográfica, que se defronta com um impasse, e de expansão sobre si próprio constitui o que denominarei um processo geral de desterritorialização. O capitalismo mundial integrado não respeita mais os modos de vida tradicional do que os modos de organização social dos conjuntos nacionais que parecem estar melhor estabelecidos. Recompõe a produção e a vida social a partir da sua própria axiomática — axiomática opondo-se a programática. Em outras palavras, não possui um programa definido de uma vez por todas; face a uma crise ou a uma dificuldade imprevista, sempre é capaz de inventar novos axiomas funcionais ou de suprimi-los. Parece que certas fórmulas capitalistas caíram por terra por ocasião de uma guerra mundial ou de uma crise, e depois ressurgiram sob outras formas, encontrando outros fundamentos. O que me parece importante destacar a respeito dessa desterritorialização, dessa recomposição permanente e dessa integração é que elas dizem respeito a um só tempo às estruturas de produção e às formações de poder (prefiro falar de formação de poder em vez de relação de produção, que me parece ser uma noção muito restritiva face ao assunto aqui considerado).

Abordarei essa questão do Capitalismo Mundial Integrado, sob o ângulo:

I) dos seus sistemas de produção, de expressão econômica e de axiomatização do *socius*;

II) dos tipos de segmentariedades particulares que ele desenvolve: a) ao nível transnacional; b) no âmbito europeu; c) ao nível molecular;

III) das máquinas de guerra revolucionária, dos agenciamentos de desejo e das lutas de classe, capazes de pô-lo em questão.

### I. Os sistemas de produção, de expressão econômica e de axiomatização do capital mundial integrado

1) Sobre a evolução dos sistemas de produção do CMI, serei breve e mesmo esquemático, pois esse assunto foi amplamente desenvolvido em outra parte.

Consideremos primeiro que não existe apenas uma divisão internacional do trabalho, mas uma mundialização da divisão do trabalho, uma captação geral de todos os tipos de atividade, inclusive os que formalmente escapam da definição econômica do trabalho. Os setores mais "atrasados", os modos de produção marginais, a vida doméstica, o esporte, a cultura, etc., que até agora dependiam do mercado mundial, estão caindo sob o seu domínio uns atrás dos outros.

O CMI integra numerosos sistemas maquínicos e semióticos do trabalho humano, de modo que há uma maior dificuldade em se pretender compreender mecanismos de valorização econômica unicamente através de uma noção quantitativa de "trabalho socialmente necessário". O que se torna pertinente na designação de um trabalhador a um cargo produtivo não é só a sua capacidade de fornecer um determinado tempo de trabalho, mas o tipo de *performance* maquínica que ele introduz no processo de produção (na qual intervém evidentemente um trabalho físico, mas cuja importância relativa tende a diminuir). Assim, as reivindicações sindicais relativas à diminuição do tempo de trabalho podem perfeitamente se tornar compatíveis com o projeto de integração do capitalismo, compatíveis e até desejáveis, para que o trabalhador possa se dedicar a atividades não imediatamente produtivas, mas capazes de manter e desenvolver suas competências, economicamente recuperáveis. O lugar da integração maquínica não se circunscreve mais unicamente aos lugares de produção, mas igualmente a todos os outros tipos de espaços sociais e institucionais (agenciamentos técnico-científicos, equipamentos coletivos, meios de comunicação, etc.). A revolução informática acelera consideravelmente um

processo de integração que contamina igualmente a subjetividade inconsciente, tanto individual como social.

Esta integração maquínico-semiótica do trabalho humano requer, portanto, que seja considerada, dentro do processo produtivo, a modelização de cada trabalhador, não só no registro do seu saber — o que certos economistas denominam "o capital de saber" —, mas também seus sistemas de interação com a sociedade e seu ambiente maquínico (ambiente que diz respeito tanto a máquinas propriamente ditas, máquinas técnicas, como máquinas semióticas, e "máquinas desejantes", funcionando na qualidade de "logicial", no meio dos comportamentos sociais em todos os níveis de sensibilidade, de interiorização dos sistemas hierárquicos, de adaptação aos tecidos urbanísticos...).

2) A expressão econômica do CMI, seu modo de sujeição semiótica das pessoas e das coletividades, não depende unicamente de sistema de signos monetários, bolsistas, econômicos, de aparelhos jurídicos relativos ao salariado, à propriedade, à manutenção da ordem pública, etc. Apóia-se igualmente sobre sistemas de servomecanismo, no sentido cibernético do termo. As componentes semióticas do capital funcionam sempre com um duplo registro: o da *representação* (onde os sistemas de signos são independentes e "à distância" dos referentes econômicos) e o do *diagramatismo* (onde os sistemas de signos entram em concatenação direta com os referentes para modelar, programar, planificar os segmentos sociais e os agenciamentos produtivos). Assim, o capital é muito mais que uma simples categoria econômica relativa à circulação dos bens e à acumulação dos meios econômicos. É antes categoria semiótica que se refere ao conjunto dos níveis da produção e ao conjunto dos níveis de estratificação dos poderes. Insere-se no quadro das sociedades divididas não apenas em classes sociais, mas também em classes raciais, burocráticas, sexuais e em classes de idade, etc. Sua relação com os "progressos" científicos e técnicos fica ambígua na medida em que se apóia na potência maquínica e na proliferação semiótica das sociedades industriais desenvolvidas, ao mesmo tempo que as neutraliza por seu sistema de expressão econômica. Só favorece inovações maquínicas na medida em que pode recuperá-las e consolidar os axiomas com os quais pretende não transigir; um certo tipo de concepção do *socius*, do desejo, do trabalho, dos lazeres, da cultura...

3) A axiomatização do *socius* pelo CMI é caracterizada, no contexto atual, por três tipos de transformações: cerco, desterritorialização e segmentariedade.

a) O *cerco* — O capitalismo, depois de invadir quase todas as superfícies economicamente exploráveis, não pode mais manter seu

impulso expansionista próprio de suas fases coloniais e imperialistas. Este cerco do seu campo de ação obriga-o a se recompor internamente o tempo todo, reconvertendo constantemente seus espaços econômicos e sociais, seus modos de controle e de sujeição do conjunto das sociedades humanas. Assim sua mundialização, longe de ser em si um fator de crescimento, corresponde, na verdade, a um questionamento radical das suas bases anteriores. Pode dar ou numa involução do sistema ou numa mudança de registro. Sua expansão, seus meios de crescimento, o CMI deverá doravante encontrá-los trabalhando as mesmas formações de poder, remanejando as relações sociais e desenvolvendo mercados cada vez mais artificiais, não só no campo dos bens, mas também no das informações e dos afetos. O que caracteriza a atual crise — que no fundo não é uma crise, mas uma gigantesca reestruturação — é precisamente essa oscilação entre a involução de um certo tipo de capitalismo exangue e uma tentativa de reconversão em bases radicalmente diferentes. Por etapas sucessivas, o CMI é levado a assumir sua finitude, em particular a de seus mercados e a sua necessidade de redefinir permanentemente seus campos de aplicação (inclusive nos espaços ditos “socialistas”, como URSS, China, etc.). Para sair do impasse, está disposto a proceder à liquidação de sistemas que pareciam bem estabelecidos, seja ao nível da produção, seja ao nível dos compromissos sociais no fundamento da democracia burguesa. Portanto, fim dos capitalismo territorializados, dos imperialismos expansionistas e transição para imperialismos desterritorializados e intensivos. Abandono de toda uma série de categorias sociais, ramos de atividades, em que anteriormente se apoiava, e remodelagem, domaço das forças produtivas e da vida social, de modo a que se adaptem ao novo sistema. Integração desterritorializada que, insisto, não é necessariamente incompatível com uma certa diversidade de regimes políticos, e que até pode encorajá-la, contanto que se instaure na base de sua axiomática segregacionista.

b) Esta *desterritorialização* do capitalismo em si próprio, que Marx denominou “a expropriação da burguesia pela burguesia”, mas que agora se desenvolve numa escala diferente, não implica que o CMI seja universalista. Ele não é particularmente ligado à manutenção de democracias burguesas, nem tampouco deseja generalizar um tipo particular de ditadura. A única coisa que faz força para homogeneizar são os modos de produção, e os modos de controle social. Esta é a única preocupação que o leva a se apoiar em regimes relativamente democráticos e, alhures, a impor ditaduras. Esta orientação tem como efeito, de um modo geral, relegar as antigas territorialidades nacionais. Ou, no mínimo, privá-las de sua antiga potência econômica. Mas isso

só é possível se os seus próprios órgãos de decisão são estruturados independentemente dessas territorialidades.

Hoje o CMI não possui um centro de poder único. (Mesmo o ramo norte-americano é policentrado.) Seus centros de decisão reais estão espalhados por todo o planeta. E não se trata, no caso, unicamente de estados-maiores econômicos, mas também de engrenagens de poder que se escalonam em todos os níveis da pirâmide social, do empresário ao pai de família. De certo modo, o CMI instaura a sua própria democracia interna. Não impõe necessariamente uma decisão que corresponda aos seus interesses imediatos. Através de mecanismos extremamente complexos, “consulta” o conjunto das esferas econômicas e dos segmentos sociais com os quais deve fazer composições. Esta “negociação” não se reveste mais, como antes, de um caráter explicitamente político. Põe em jogo sistemas de informação e de manipulações psicológicas em grande escala, por intermédio dos meios de comunicação de massa, das sondagens, dos sistemas de *welfare*, etc. (Assistimos, hoje, por exemplo, a uma espécie de negociação desse tipo a propósito de suas opções energéticas.)

A degenerescência das antigas localizações concêntricas das formações de poder e das antigas hierarquias sociais (das aristocracias aos proletariados, passando pelas pequenas burguesias) não é incompatível com a sua manutenção parcial e mesmo com o seu fortalecimento. Mas corresponde mais aos campos reais de “decisionalidades”. O poder do CMI é sempre descentralizado em benefício de mecanismos desterritorializados. É por isso que hoje parece impossível cercá-lo, mirá-lo para atacá-lo. Esta desterritorialização acarreta igualmente fenômenos paradoxais, como o fato de que se desenvolvam zonas de Terceiro Mundo e de Quarto Mundo dentro dos países mais desenvolvidos e que, inversamente, apareçam zonas capitalistas superdesenvolvidas no interior de regiões subdesenvolvidas.

c) *O sistema geral de segmentariedade*. Vimos que o capitalismo, não estando mais em uma fase expansiva ao nível geopolítico, é levado a se reinventar nos mesmos espaços, como um palimpsesto. Uma vez que o seu crescimento segundo um modelo de centro e de periferia em interação está igualmente comprometido, seu problema atualmente é inventar novos métodos de hierarquização do *socius*. Trata-se então de um axioma com o qual não poderia transigir. Para manter a consistência da força coletiva de trabalho em escala mundial, atualmente tem que fazer coexistir:

- zonas de superdesenvolvimento, superenriquecimento, em benefício de novas aristocracias capitalistas (não unicamente

localizadas nos bastiões capitalistas tradicionais e nas classes burguesas);

- zonas de subdesenvolvimento relativas;
- e mesmo verdadeiras zonas de empobrecimento absolutas, de modo que se cave a pirâmide social em outra parte.

É entre esses dois extremos que uma disciplinarização geral da força coletiva de trabalho e um cerco, uma segmentarização dos espaços mundiais podem instituir-se. A livre circulação dos bens e das pessoas tornou-se privilégio das novas aristocracias integradas. Todas as outras categorias de população são “designadas a residência” num setor particular do planeta, que tende a se tornar ele próprio uma verdadeira fábrica mundial, à qual são anexados campos de trabalho forçado, guetos e também campos de extermínio, campos de morte em escala de país inteiro (ex.: o Camboja). Assim, o CMI pode fazer coexistir uma perspectiva de “progresso social” nas zonas opulentas (melhora das condições de vida e das condições de trabalho, do ponto de vista da duração, e da qualidade das relações humanas, etc.) com uma política de contenção e mesmo de exterminação da força coletiva de trabalho de outras regiões.

Esta nova segmentarização do *socius*, combinada com uma segregação ordenada em escala mundial, são, pois, a consequência direta do cerco do CMI. É por meio da desterritorialização de sua multicentragem e de suas técnicas de integração que consegue manter juntos todos esses segmentos, ultrapassar as disparidades que institui, e dominar os mais diversos sistemas sociais. Vemos, por exemplo, na França, que é o conjunto da vida social que se acha remodelado. Ali onde, no Leste, de pai para filho se vivia do aço, o CMI decide liquidar a paisagem industrial. Em outro lugar, o espaço será transformado em zona turística, ou em zona residencial para as elites. Níveis de padrão de vida são subvertidos ao nível de regiões inteiras. Mas essas perturbações, especialmente aquelas ligadas à instauração do Mercado Comum, contribuíram para reavivar particularismos e sentimentos nacionalitários (córnicos, bretões, bascos, etc.). Esta redefinição permanente dos segmentos sociais, repito, não se refere unicamente a questões econômicas. Interfere constantemente nas áreas mais individuais e mais inconscientes da vida social, sem que seja possível estabelecer uma ordem de causalidade unívoca entre os níveis planetários e os níveis moleculares.

Eu não saberia enumerar aqui todos os novos axiomas de segmentariedade que tendem a dirigir o conjunto das relações sociais e dos agenciamentos moleculares (relações familiares, relações conjugais e domésticas, função de educação, de justiça, de assistência, etc.). Todos

são ligados entre si e todos concorrem para adaptar a vida social e econômica às exigências do CMI.

Em que condição ainda vale a pena continuar a viver num sistema desses? Que laços inconscientes fazem com que se continue a aderir a ele apesar de tudo? Essa é a nova “questão social”. Veremos que a axiomatização do CMI não poderia impedir que novos agenciamentos humanos, novas máquinas de guerra revolucionária se constituam para ir contra a sua lógica totalitária e para organizar o *socius* em outras bases.

Examinemos antes algumas características “regionais” dessa nova segmentariedade.

## II. As novas segmentariedades do CMI

### 1. A segmentariedade transnacional

O antagonismo Leste-Oeste tende a perder a sua consistência. Mesmo por ocasião das fases de tensão aguda, como a que persiste há alguns anos, tende a tomar um ar artificial, quase teatral. Isso se deve ao fato de que o essencial das contradições não se situa mais no eixo Leste-Oeste, mas no eixo Norte-Sul, ficando claro que se trata sempre, afinal de contas, de o CMI poder assegurar para si o controle de todas as zonas que tendem a escapar dele, e de que existem Zonas Norte e Zonas Sul no interior de cada país. Bastaria então dizer que a nova segmentariedade repousa no “cruzamento” entre o fenômeno essencial constituído pela guerra permanente estabelecida entre Norte-Sul, e o fenômeno secundário das rivalidades Leste-Oeste. Seria totalmente insuficiente.

A clivagem: Terceiro Mundo em vias de desenvolvimento (e mesmo de superdesenvolvimento nos países petrolíferos) e Terceiro Mundo em vias de empobrecimento absoluto, em vias de exterminação, transformou-se em um novo dado essencial da situação atual. Outras modificações devem igualmente ser levadas em conta. A oposição entre o capitalismo transnacional, multinacional, os grupos de pressão internacionais, por um lado, e, por outro, o capitalismo nacional (oposição que continua sendo o princípio classificatório exclusivo da maior parte dos PCs), embora subsistindo localmente, não é mais realmente pertinente de um ponto de vista global. Na verdade, todas as contradições internacionais se organizam entre si, se cruzam, desenvolvem combinações complexas que não se resumem a sistemas de eixo Leste-Oeste, Norte-Sul, nacional-multinacional, etc. Proliferam como uma espécie

de rizoma multidimensional, incluindo inúmeros traços, singularidades geopolíticas, históricas, religiosas, etc. Nunca seria demais insistir sobre o fato de que as respostas do CMI a essas situações específicas não advêm de um programa geral, não dependem de um centro diretor. A axiomatização do CMI não se fundamenta em análises ideológicas: *faz parte de seu processo de produção.*

Num contexto desses, qualquer perspectiva de luta revolucionária circunscrita a espaços nacionais, qualquer perspectiva de tomada de poder político pela ditadura do proletariado é cada vez mais ilusória. Os projetos de transformação social serão condenados à impotência enquanto não se inserirem em uma estratégia subversiva em escala planetária, tão desterritorializada como a do CMI.

## 2. A nova segmentariedade européia

A oposição no interior da Europa entre o Leste e o Oeste também parece estar sendo levada a evoluir muito nos próximos anos. O que nos parece ser mais um antagonismo fundamental será provavelmente cada vez mais "fagocitável", negociável em todos os níveis pelo CMI. Nada de "modelo germano-americano", nada de retorno ao fascismo de antes da guerra, etc. Mas antes evolução, por aproximações sucessivas, para um sistema de democracia autoritária de um novo tipo.

Os métodos de repressão e de controle social dos regimes do Leste e do Oeste tendem progressivamente a se aproximar uns dos outros: um espaço repressivo europeu do Ural ao Atlântico virá talvez substituir o atual espaço judiciário europeu. E os Partidos Comunistas europeus não serão os últimos a trabalhar nesse sentido. Pensou-se durante algum tempo que o enfraquecimento relativo da oposição Leste-Oeste dentro da Europa seria acompanhado de um fortalecimento da oposição entre a Europa do Norte e a Europa do Sul. Mas nessa direção também não iremos até uma nova guerra de Secessão. Também nesse caso, o CMI ajeita sua segmentariedade econômica e social em referência a uma estratégia mundial que não vai deixar se desenvolverem situações irreparáveis em seus principais baluartes europeus. Acrescente-se a isso que as ameaças secessionistas no interior dos países da Europa do Leste, consideravelmente reforçados pelo caso polonês, encorajarão certamente os dirigentes ocidentais e os da URSS a negociar entre si um novo *status quo*, um novo *lalta*.

## 3. A segmentariedade molecular

Encontramos constantemente dois tipos de conflitualidade nos espaços capitalistas:

- a) lutas de interesses, lutas econômicas, lutas sociais, lutas sindicais no sentido clássico;
- b) lutas relativas às liberdades, novos questionamentos da vida cotidiana, do ambiente do desejo, etc., que agruparei no registro "revolução molecular".

As lutas de interesses, as questões de nível de vida continuam sendo portadoras de contradições essenciais. Não se trata de subestimá-las. Contudo, podemos levantar a hipótese de que, na falta de uma estratégia global, elas sempre darão margem à sua recuperação, à sua integração pela axiomática do CMI. Nunca darão por si sós em uma transformação social positiva. As confrontações tipo 1848, Comuna de Paris, ou 1917 na Rússia, se tornaram altamente improváveis, assim como as nítidas rupturas classe contra classe que prepararam a redefinição de um novo tipo de sociedade. Em caso de prova de força maior, o CMI está em condições de desencadear uma espécie de plano ORSEC internacional e de plano Marshall permanente. Os países europeus, o Japão e os EUA podem subvencionar com perdas, e durante um longo período, a economia de um país capitalista em perigo. Quando se trata de sua sobrevivência, o CMI pode funcionar como uma espécie de companhia de seguros internacional, capaz de enfrentar, tanto no plano financeiro como no plano repressivo, as provas mais difíceis.

Então o que vai acontecer? A crise atual desembocará num novo *status quo* social, num esquadramento dos desempregados, dos marginais, num *Welfare-State* generalizado, combinado com o arranjo aqui e acolá de alguns redutos de liberdade? É uma possibilidade, mas não a única. Assim que nos livramos dos esquemas simplificadores, percebemos que as grandes potências capitalistas, inclusive a Alemanha ou o Japão, não estão livres de grandes perturbações sociais. De qualquer modo, parece, ao menos na França, que a situação evoluirá para uma liquidação do equilíbrio sociológico que se manifestava há décadas por uma relativa paridade entre as forças de esquerda e as forças de direita. Parece que nos orientamos para um corte do tipo: 90% do lado de uma massa conservadora, apavorada, embrutecida pelos meios de comunicação de massa e 10% do lado dos minoritários mais ou menos refratários. Se abordamos estes problemas do ângulo, não mais apenas das lutas de interesses, mas das lutas moleculares, aí o panorama muda. O que aparece nesses mesmos espaços aparentemente bem controlados e asseptizados é uma espécie de guerra social

bacteriológica, algo que não se afirma mais segundo frentes claramente delimitadas (frentes de classe, lutas reivindicatórias), mas sob uma forma de perturbação molecular difícil de apreender. Múltiplos vírus deste gênero já trabalham o corpo social na sua relação com o consumo, com a produção, com o lazer, com os meios de comunicação, com a cultura, etc. (reações de recusa ao trabalho em sua forma atual, questionamento da vida cotidiana, contestação do sistema de representação política, rádios livres, etc.). Assim, não param de ocorrer mutações na subjetividade consciente e inconsciente dos indivíduos e dos grupos sociais cujos efeitos são imprevisíveis no contexto da atual crise.

### III. *Novas máquinas de guerra revolucionária, agenciamentos de desejo e luta de classe*

Até onde poderá ir essa revolução molecular? Não estará condenada, na melhor das hipóteses, a vegetar nos guetos de marginais, como os de Frankfurt e de Berlim Oeste? Será que a "sabotagem molecular" da sociedade atual basta-se a si mesma? A revolução molecular deverá, ao contrário, se aliar às forças sociais do nível molar? A tese central aqui defendida é a de que os axiomas do CMI (cerco, desterritorialização dos antigos espaços nacionais, regionais, profissionais, etc., multicentragem, novas segmentariedades) não triunfarão nunca, não importa quais sejam suas capacidades recuperadoras. Os recursos do CMI são talvez infinitos na ordem da produção e da manipulação das instituições e das leis. Mas eles se chocam e se chocarão cada vez mais violentamente contra um verdadeiro muro ou antes contra um emaranhado de tramóias intransponíveis no campo da economia libidinal dos grupos sociais. Isso se deve ao fato de que essa revolução molecular não se refere apenas às relações cotidianas entre homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais, crianças, adultos, etc., e os "guardiões" de todas as categorias. *Ela intervém também no interior da produção econômica enquanto tal.* Encontra-se no seio dos processos mentais ativados pela nova divisão mundial do trabalho e pela revolução informática da era dita pós-industrial. *O impulso das forças produtivas depende dela.* E é por isso que o CMI não poderá contorná-la. Ela é portadora de coeficientes de liberdade inassimiláveis, irrecuperáveis pelo sistema dominante. Isso não significa que automaticamente seja portadora de revolução social. Não foi uma revolução molecular que precedeu o advento do Nacional-socialismo na Alemanha?

O melhor e o pior podem decorrer desse tipo de fermentação, cujo resultado depende essencialmente da capacidade dos agenciamentos explicitamente revolucionários em encontrar sua articulação com as lutas de interesse, políticas e sociais. Essa é a questão essencial. Na falta de uma tal articulação todas as mutações de desejo, todas as revoluções moleculares, todas as lutas pelos espaços de liberdade não conseguirão nunca engatar transformações sociais e econômicas libertadoras em grande escala.

Como imaginar que máquinas de guerra revolucionária de tipo novo consigam se engastar ao mesmo tempo nas contradições sociais manifestas e nessa revolução molecular?

A atitude da classe política e da maioria dos militantes profissionais, quanto a esses problemas, embora reconheçam a importância desses novos domínios de contestação, geralmente consiste em declarar que nada de positivo se deve esperar de imediato: "Primeiro, é preciso que tenhamos alcançado nossos objetivos no plano político antes de poder intervir nessas questões de vida cotidiana, escola, relação entre grupos, convívio, ecologia, etc...". Quase todas as correntes da esquerda, da extrema-esquerda, da autonomia, etc. (situação manifesta na Itália no período de 77) se encontram nessa posição. Cada um a seu modo está disposto a explorar os "novos movimentos sociais" que se manifestaram a partir dos anos 60, mas ninguém nunca se coloca a questão de imaginar os instrumentos de luta realmente adaptados àqueles. Quando se trata desse vago universo dos desejos, da vida cotidiana, das liberdades concretas, uma estranha surdez e uma miopia seletiva atacam os porta-vozes titulares das formações tradicionais. Ficam em pânico diante da idéia de que uma desordem perniciosa possa contaminar seus bandos. "Os bichas, os loucos, as rádios livres, as feministas, os ecologistas, os *emarginati*, tudo isso no fundo é meio barra!" Seu problema, na verdade, provém do fato de que é sua própria pessoa enquanto militante, seu funcionamento pessoal (não só suas concepções em matéria de organização, mas também seus investimentos afetivos num certo tipo de organização) que é novamente posto em questão.

As organizações políticas e sindicais atuais aos poucos foram se tornando assimiláveis aos *equipamentos de poder*. Independente do fato de aqueles que participam delas se declararem de esquerda ou de direita, elas funcionam de acordo com o conformismo geral: trabalham para que os processos moleculares entrem em conformidade com as estratificações molares. De fato, o CMI nutre-se desse gênero de equipamento de poder. As economias ocidentais não poderiam mais funcionar hoje sem os sindicatos, as Comissões de Fábrica, os Seguros

Sociais, os partidos de esquerda e talvez também... os grupelhos de extrema-esquerda.

Portanto, não há muito que esperar desse lado. Pelo menos na Europa. Pois em países como, por exemplo, os da América Latina, esse tipo de formação talvez ainda deva desempenhar um papel importante. (Embora, também aí, as questões relativas à revolução molecular sem dúvida se colocarão com uma agudeza cada vez mais forte: questão racial, questão feminina, questão das favelas, etc.) De qualquer modo, compromissos, composições reformistas continuarão a surgir nos países capitalistas desenvolvidos. Manifestações simbólicas ou violentas continuarão a animar a atualidade. Mas nada disso nos aproximará de maneira alguma de um verdadeiro processo de transformação revolucionária.

Retornamos à dolorosa questão: como “inventar” novos tipos de organizações capazes de operar de acordo com essa junção, esse acúmulo de efeitos das revoluções moleculares, lutas operárias, lutas de emancipação no interior do Terceiro Mundo e capazes de responder, caso por caso (o que não significa necessariamente um atrás do outro), a transformações segmentares que justamente têm como consequência o fato de que não se possa mais falar de massas indiferenciadas. Como tais agenciamentos de luta, diferentemente das organizações tradicionais, conseguirão desenvolver meios de análise que lhes permitam não serem surpreendidos nem pelas inovações institucionais e tecnológicas do capitalismo, nem pelos embriões de resposta revolucionária que os trabalhadores e as populações submetidas ao CMI experimentam em cada etapa. Ninguém é capaz de definir, hoje, o que serão as futuras formas de coordenação e de organização dos futuros movimentos revolucionários, mas o que parece evidente é que implicarão, a título de premissa absoluta, no respeito à autonomia e à singularidade de cada uma de suas componentes. Fica claro, desde agora, que sua sensibilidade, seu nível de consciência, seus ritmos de ação, sua justificação teórica não coincidirão. E parece desejável e mesmo essencial que suas contradições, seus antagonismos não possam ser “resolvidos” nem por uma dialética constrangedora, nem por aparelhos de direção que os dominem e os oprimam.

Então, afinal, que forma de organização? Alguma coisa vaga, fluida? Um retorno às concepções anarquistas da *belle époque*? Não necessariamente. E certamente não mesmo. A partir do momento em que esse imperativo do respeito aos traços de singularidade e de heterogeneidade dos diversos segmentos de luta fosse reconhecido, seria possível, com objetivos delimitados, que um novo modo de estruturação — nem vago nem fluido — pudesse se desenvolver. As realidades com as

quais se defronta a revolução molecular, tanto quanto a revolução social, são pesadas; clamam pela constituição de aparelhos de luta, máquinas de guerra revolucionária eficazes. Mas para que organismos de decisão e de luta fiquem “toleráveis”, não sejam rejeitados como engastes nocivos, é indispensável que não sejam *portadores de nenhuma “sistemocracia”*, nem a um nível inconsciente, nem a um nível ideológico manifesto. Muitos do que experimentaram o caráter pernicioso das formas tradicionais de militância contentam-se, hoje, em reagir de maneira mecanicamente hostil a qualquer forma de organização, e mesmo a qualquer pessoa que pretendesse, por exemplo, assumir a presidência de uma reunião, a redação de um texto, etc. Na medida em que a primeira preocupação de um movimento revolucionário fosse uma autêntica união entre as lutas molares e os investimentos moleculares, a questão da criação de instrumentos não só de informação, mas também de decisão e de organização, se colocaria de uma nova forma. (Em escala microsocial, local, nacional, internacional.) Com tudo o que isso possa eventualmente implicar de rigor e de disciplina de ação, em certas situações, mas segundo métodos radicalmente diferentes dos métodos dos social-democratas e dos bolcheviques. *Não programáticos, mas diagramáticos*, isto é, que não invalidem as realidades contingentes e as singularidades da ordem do desejo.

O que mais dizer a respeito dessa complementaridade (e não apenas coexistência pacífica) entre:

- 1) um trabalho analítico-político, relativo ao inconsciente em suas dimensões sociais e individuais;
- 2) novas formas de luta pelas liberdades (do tipo da de uma federação dos grupos “SOS *libertés*”, como o CINEL<sup>1</sup> — preconiza);
- 3) as lutas das múltiplas categorias sociais “não garantidas”, marginalizadas pela nova segmentariedade do CMI;
- 4) as lutas sociais mais tradicionais?

Algumas tentativas nesse sentido, que conhecemos nos EUA, na Itália, na França, etc., não serviriam como modelo. Entretanto, através de múltiplas tentativas desse tipo, por mais parciais que sejam, por maiores que sejam seus “altos” e “baixos”, é que avançaremos na reconstrução de um autêntico movimento de transformação social. A esse respeito, podemos nos preparar para os encontros mais imprevisíveis: para o aparecimento de personagens tão surpreendentes como o Juiz Bidalou,<sup>2</sup> ou o humorista Coluche,<sup>3</sup> para o desenvolvimento de técnicas subversivas ainda inimagináveis, particularmente no âmbito dos meios de comunicação e da informática.

Os movimentos operários e os movimentos revolucionários organizados ainda estão longe de compreender a importância desses novos

problemas de organização e de “sensibilidade”. Deveriam reciclar-se o mais depressa possível, entrando na escola do CMI que, por seu lado, conseguiu os meios de inventar novas armas para enfrentar as perturbações que suas reconversões e sua nova segmentariedade acarretam. O CMI não possui teóricos nessas questões. Não precisa. Basta que tenha uma prática sistemática; sabe o que é a multigentragem das decisões. Não lhe causa dificuldades não dispor de estado-maior central de super-birô político para se orientar nas situações complexas. (Com o risco de fazer crer na existência de tais estados-maiores, donde o mito criado em torno da famosa “Comissão Trilateral”. Induz à idéia de que ali é que está a transa, que é esse alvo que se deve visar, quando os verdadeiros agentes, os verdadeiros centros de decisão estão, sem dúvida, em outro ponto totalmente diferente.)

Enquanto continuarmos prisioneiros de uma concepção das relações sociais herdada do século XIX, a qual não tem muito a ver com a situação atual, ficaremos fora da realidade, continuaremos a dar voltas em nossos guetos, ficaremos indefinidamente na defensiva, sem conseguir apreciar o alcance dessas novas formas de resistência que surgem nos mais diversos campos. Trata-se, portanto, de primeiramente medir em que grau estamos contaminados pelos artifícios do CMI. O primeiro desses artifícios é o sentimento de impotência que conduz a uma espécie de “abandonismo” às suas “fatalidades”. Por um lado, o Gulag; por outro, as migalhas de liberdades do capitalismo, e, afora isso, aproximações fajutas com um vago socialismo cujas fronteiras iniciais e finais não se vêem. Quer sejamos de esquerda ou de extrema-esquerda, quer sejamos políticos ou apolíticos, temos a impressão de estar encerrados dentro de uma fortaleza, ou, antes, dentro de uma cerca de arame farpado, que se estende não apenas por toda a superfície do planeta, mas também por todos os cantos do imaginário. E, entretanto, o CMI é, sem dúvida, muito mais frágil do que parece. Pela natureza de seu desenvolvimento, tende a se fragilizar cada vez mais. Certamente ainda conseguirá resolver numerosos problemas técnicos, econômicos e de controle social. Mas as mutações moleculares escarpam cada vez mais do seu controle. De agora em diante, um outro tipo de sociedade está sendo gerado, através dos modos de sensibilidade, relações sociais, relações de trabalho, na cidade, no ambiente, na cultura, no seio do inconsciente social. À medida que se sentir ultrapassado por essas ondas de transformações, cuja natureza e contornos lhe escapam, o CMI se enrijecerá. Parece ser esse o sentido do terrível recrudescimento reacionário que se faz sentir atualmente em Paris, Roma, Londres, Nova Iorque, Tóquio, Moscou, etc. Mas as centenas de milhões de jovens que se defrontam com o absurdo desse sistema,

em toda a superfície do planeta, constituem igualmente uma onda portadora de um outro futuro. Os neoliberais de toda espécie se iludem se creem verdadeiramente que as coisas se arranjarão por si sós no melhor dos mundos capitalistas. Pode-se racionalmente conjecturar que as mais diversas provas de força revolucionária irão se desenvolver nos próximos decênios. Cabe a cada um de nós apreciar em que medida — por menor que seja — podemos contribuir para a criação de máquinas revolucionárias políticas, teóricas, libidinais, estéticas, capazes de acelerar a cristalização de um modo de organização social menos absurdo do que o atual.

## NOTAS

(1) N. do Trad.: O CINEL, do qual participa Guattari hoje, é um organismo informal constituído por intelectuais de diversas áreas, artistas, trabalhadores, militantes, políticos, etc., que tem, além de um intenso trabalho teórico — este ensaio, por exemplo, foi preparado para um seminário do grupo —, uma intensa e variada atividade política:

- pronunciamentos sobre problemas políticos em toda a Europa. Exemplo: na Itália, a repressão em Bolonha em 1977, os casos Toni Negri, Franco Piperno, etc. Na Alemanha, a campanha contra o pedido de extradição de Klaus Croissant, advogado do grupo de Baader, que se encontrava refugiado na França;
- participação de encontros internacionais para a reflexão conjunta de diversas correntes sobre o impasse político atual e a violenta guinada para a direita, visando a organização contra a repressão articulada a nível europeu, que se constata por exemplo na instauração de um espaço judiciário comum para os países da Europa. O encontro “Tunix” em Berlim, em 1978, ou o de Roma, em 1979, foram alguns deles;
- iniciativas de articulação internacionais de revolução molecular, como o Festival *Antibrouille*, que visava articular as rádios livres a nível europeu;
- incentivo à implantação de “comissões de defesa ativa” contra a repressão, não só nos “grandes casos” políticos, mas também no microfascismo galopante de que vêm sendo vítimas os jovens, os trabalhadores imigrados, os militantes nacionalitários, etc.

Só estas atividades do CINEL já bastaram para provocar problemas com a polícia e a justiça: processo pelas rádios livres, prisão de um cineasta do grupo, perquisição e ameaças nas residências de alguns membros do grupo, inclusive de Guattari, e, o que é mais grave, com a acusação de que o CINEL seria o “filão francês” de uma vasta rede terrorista mundial. Isto se enquadra na atual tendência da justiça europeia para imaginar altos comandos ocultos e selecionar bodes expiatórios para explicar o recrudescimento da violência e dos ilegalismos nos países desenvolvidos, justificando sua total impotência diante desse fato. É evidente que estes supostos altos comandos nunca são encontrados. É neste contexto, por exemplo, que foram presos Toni Negri, Franco Piperno e outros na Itália, ou que se deram os casos Graindorge na Bélgica, etc. Iniciativas como a do CINEL são muito importantes dentro do marasmo em que encontra



a esquerda européia neste momento, dominada por visões que confundem mutação molecular profunda e irreversível com fim da história. Caso na França, por exemplo, do espírito dos "novos filósofos", que propõem a renúncia a toda e qualquer perspectiva de resistência militante à ordem dominante, justificada por uma suposta hegemonia irreversível de um conformismo da massa e propondo a urgência de um retorno aos valores transcendentais do monoteísmo; ou de Bandrillard, que fala em "morte do político", ou "implosão do social"; ou da volta de certos líderes de 68 às ideologias e às práticas de grupelho. Importância política também da heterogeneidade interna no grupo, que por si só já se constitui na dissolução da separação entre categorias sociais, sobretudo entre "intelectuais" e "manuais", e na possibilidade de que a teoria seja produzida por um "agenciamento coletivo de enunciação". Importância da continuidade existente entre a singularidade de cada movimento na vida militante do grupo e a construção de parâmetros teóricos.

(2) N. do Trad.: Bidalou é o nome de um juiz *punk* que foi suspenso.

(3) N. do Trad.: Coluche, nome artístico de Michel Colucci, é um comico francês de 36 anos que iniciou sua carreira no café-teatro de nome Café de la Gare, adotando um humor no estilo anarco-pós-68. Muito popular — seus discos ocupam o segundo lugar nas paradas de sucessos —, Coluche candidatou-se, em outubro de 80, às eleições presidenciais de 1981. Apresentado como "candidato das minorias", em novembro, já em dezembro as sondagens apontavam-lhe uma média de 15% dos votos. Chegou a falar em "efeito Coluche" para nomear este modo paradoxal de manifestação de uma recusa social ao sistema vigente, revelada nestas sondagens. Manteve sua candidatura durante algum tempo, preservando através dela o espaço para o humor e para certas colocações políticas, normalmente excluídas da cena do discurso eleitoral, a começar pelo próprio fato de sua candidatura, pois se já como comico faz do Estado-espetáculo um show de derrisão, como candidato ao poder de Estado este significado fica duplamente sublinhado.

## Vinte e duas linhas máquina

Sentido único sem sentido/ *Feed-Back* máquinas técnicas — Arte — *socius* sistemas semióticos/ Máquinas cada vez mais desterritorializadas/ liquidação universais, significante, etc./ Máquinas abstratas = cristalização de potencialidades, dança muda em deca coordenadas tempo, espaço, substâncias de expressão, matéria intensiva/ abolição pontos fixos transcendente história/ invariantes provisórias tecidas em filo maquínico/ agenciamentos coletivos/ ruptura enunciação individualizada/ sujeito responsável-culpado *out/ splitting* do ego, falta, falo, complexos estruturalizados e lingüístizados, tradutibilidade universal, *out, out, out...* Significação sempre caso de poder/ significações dominantes/ gramaticalidade dominante/ especialistas interpretação = polícias do significante/ Para as bandas do desejo = potência-rizoma/ Para as bandas do poder = buraco negro, arborescência, hierarquia, Maniqueísmo dos valores/ fim do quanto a si = devir animal, planta, cosmos/ devir mulher, criança = desfazer estratificações do poder/ rizoma, entradas múltiplas = máquinas técnicas, arte, *socius*, sistemas semióticos — sentido único sem sentido/ mutações máquinas abstratas, plano consistência maquínica/ extratos — representação — produção — signo — coisa — *socius, out/* ruptura oposição sujeito — objeto/ semiotização aberta/ agenciamentos maquínicos/ processo coletivo enunciação — produção/ sujeito transcendental *out/* multiplicidades/ intensidades desterritorializadas/